

OS QUADRÕES DO GÊ

Luiz Gê (embora nem saiba que eu existo) foi meu contemporâneo como estudante de arquitetura, embora em faculdades diferentes, pois se formou pela FAU da Universidade de São Paulo em 1977. Acho que nunca exerceu a profissão, seu enorme talento o direcionou para os quadrinhos, ainda estudante foi um dos fundadores da revista-movimento Balão (1972-1975), um sopro de renovação dos quadrinhos no país. Em 1987, antes de fazer pós-graduação no Royal College of Art em Londres, foi editor da revista Circo junto com Toninho Mendes (esse um verdadeiro herói dos quadrinhos brasileiros, recentemente falecido), que enfrentou de igual para igual as grandes editoras norte-americanas nas bancas, que sempre dominaram o mercado editorial dos quadrinhos. Atualmente, Luiz Gê é professor nos cursos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, em São Paulo.

Mesmo enfiado aqui no nordeste do Tucanistão, acompanhei seu trabalho pela imprensa e pelos livros. Durante a ditadura, trabalhou no jornal “Falha de São Paulo” como chargista editorial, junto com Angeli, Laerte e outros que deram grande prestígio ao quadrinho político como instrumento de informação e opinião num ambiente repressivo. Ao mesmo tempo, criou histórias em quadrinhos que utilizavam a cidade de São Paulo e seus ícones como referências visuais. A HQ em que a estátua do Borba Gato sai andando pelas ruas da capital paulista é um dos seus trabalhos antológicos. Colaborou ainda com as principais publicações do país, como o “Jornal da Tarde”, “Jornal do Brasil” e os rebeldes tablóides da imprensa nanica, como “O Pasquim” e “Movimento”, também durante os anos de chumbo da ditadura militar.

Inesquecíveis também as capas dos discos que criou, tenho os bolachões até hoje de “Clara Crocodilo” e “Tubarões Voadores”, do inventivo músico londrinense Arrigo Barnabé. Guardo em minha estante quase todos os seus livros: “Macambúzios e Sorumbáticos”, “Quadrinhos em Fúria”, “O Mal dos Séculos”, “Território de Bravos”. Já ganhou o Prêmio Casa de las Américas, na Segunda Bienal Internacional de Humor em Cuba, em 1981; o Prêmio de Melhor Desenhista e Produção Gráfica de 1991, do Troféu HQ Mix e o Prêmio Ângelo Agostini como Mestre do Quadrinho Nacional, concedido em 2005 pela Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo.

Nesses tempos tão sombrios, passear pelo seu site é uma experiência que recomendo vivamente a todos - <http://luizge.com.br/> - pois é uma excelente aula de História do Brasil, de artes visuais e quadrinhos, de domínio do desenho, de discernimento político do momento que atravessamos, de criação artística enfim, basta ver alguns exemplos que ilustram esse texto. Ao mesmo tempo, é um alento, uma fresta de ar fresco e esperança que artistas com sua dimensão e talento continuem firmes na luta pela democracia.

Mauro Ferreira é arquiteto